

## CONJUNTURA PARA ATUAÇÃO DAS OSCs NO BRASIL

Contribuições ao X Encontro Nacional das Signatárias da Plataforma MROSC

por Mauri Cruz<sup>1</sup>

Gostaria de saudar a todas, todos e todes, e agradecer a oportunidade de compartilhar com vocês as reflexões que temos feito sobre o momento político, suas causas e, principalmente, nosso papel como OSCs para superação dos desafios postos para nossas gerações. Fico mais tranquilo porque estou dividindo esta tarefa com companheiras/os tão queridas e que trazem seu lugar de fala a partir de experiências concretas da luta e da resistência.

A primeira questão que gostaria de trazer é que é impossível se fazer análise de conjuntura desconectada do contexto global. A globalização é um fenômeno que se concluiu. Não há mais um mundo segmentando em países e continentes. O mundo é um só, interconectado, interdependente e, inexoravelmente, terá um futuro comum.

Neste sentido, é preciso reconhecer as profundas mudanças que estão ocorrendo nas últimas décadas e que mudaram as bases do mundo como nós o conhecíamos. É preciso voltar a ser aprendiz. Não devemos “brigar com a realidade”, mas buscar entendê-la, exercitar a nossa consciência crítica e aplicar a metodologia dialética que sempre nos ajuda a ver para além do óbvio.

A mudança mais profunda é a alteração no mundo do trabalho. Desde o início da humanidade a satisfação das necessidades dos seres humanos se deu na interação entre natureza e o trabalho. Seja nos primórdios, com a coleta de alimentos diretamente na natureza, seja pela produção de bens de enorme complexidade como os computadores chamados de “inteligentes”. A economia sempre dependerá do trabalho humano, no entanto, com a revolução tecnológica, cada vez se necessita de menos trabalho humano para a produção da mesma quantidade de produtos. Essa evolução, ao invés de permitir a redução da jornada de trabalho e a criação de uma sociedade de bens estar social, está aprofundando a desigualdade. A revolução

---

<sup>1</sup> *advogado socioambiental, professor de pós-graduação em direito à cidade, mobilidade urbana e gestão de políticas públicas. Diretor Executivo do Instituto IDhES e membro do Conselho Diretor do CAMP – Escola de Cidadania e é sócio-diretor da Usideias Consultoria.*

tecnológica está colocando à margem da sociedade bilhões de seres humanos que, na lógica do capitalismo, são descartáveis. O resultado é a profunda desigualdade mundial onde 1% da humanidade detém quase 50% de todas as riquezas do mundo e onde 10% da humanidade detém menos de 0,1%. E esse ciclo de acumulação está se acelerando, para se ter uma ideia, com a pandemia da Covid-19 aumentaram vertiginosamente o número de pobres e de bilionários.

Esse novo contexto da economia global está alterando a geopolítica. Os países com maior capacidade de desenvolvimento tecnológico estão disputando um novo espaço num tabuleiro que era hegemonizado por uma única potência. A guerra na Ucrânia é consequência desta mudança e a tendência é que, nas próximas décadas, viveremos num mundo com mais desigualdade, mais exclusão e, portanto, com mais violência. Isso tudo ocorrerá, num contexto de crise climática crescente que, como sabemos, impacta de forma mais grave as comunidades e populações excluídas do acesso aos territórios com proteção social. Em síntese, o prognóstico é de aprofundamento das crises ambiental, econômica, social e política em todo o globo, com maior ou menor intensidade.

A humanidade já viveu crises semelhantes, no entanto, a revolução tecnológica – a internet das coisas, a inteligência artificial – alterou a forma como a maioria das pessoas se relacionam com o mundo. A possibilidade quase ilimitada de conexão reorganizou a psiquê humana e aprofundou o individualismo – ou o que os intelectuais chamam de individuação que é eu e o mundo sem coletivos de mediações. Essa mudança, alterou completamente nosso ambiente, em especial, o ambiente político e colocou em crise todas as instituições e espaços de representação. Neste “novo mundo” , a liberdade passou a ser um valor absoluto. A tecnologia – o celular – é quem media a relação das pessoas entre si e na relação com o mundo. Isso está caminhando para uma dimensão ainda mais radical ainda que é o ambiente do metaverso<sup>2</sup>.

Como isso impacta o Brasil? Bem, essa é a realidade brasileira. Vivemos no país com a maior desigualdade no mundo. Isto significa dizer que temos avanços tecnológicos, crescimento econômico e a pior distribuição de renda. Um quadro desumano que

---

<sup>2</sup> *metaverso seria um ambiente onde os seres humanos poderiam interagir tanto social como economicamente através de avatares no ciberespaço e que funciona como o mundo real, mas sem as limitações físicas.*

causa todas as crises sociais que vivemos em nossas comunidades, em nossos territórios e em nossas cidades. Trinta e cinco milhões de pessoas passando fome, mais de 20 milhões de famílias sem moradia digna, 12% da população em situação de desemprego, mais de 50 mil pessoas assassinadas anualmente, violência contra crianças, idosos, mulheres.

Aqui uma reflexão necessária: quando falamos em povo brasileiro que imagem vem a mente? No geral a ideia de classe trabalhadora idealizada é composta por homens brancos, operários de fábricas. Acontece que a classe trabalhadora brasileira nunca foi assim. Ela é negra, indígena e feminina. Isso quer dizer que o povo brasileiro que passa fome, quem sofre todas as violências, quem está sem moradia, que está sem emprego, é o um povo negro, indígena e feminino. É fundamental reconhecer que as pautas anticapitalista, antirracista e antipatriarcal não são pautas identitárias, são pautas estruturantes.

Para dar conta da complexidade de toda essa realidade, são necessárias ações capazes de enfrentar as emergências, a fome, a falta de trabalho, o preconceito, a exclusão, todas as violências sociais e ambientais. Um alerta é que, independente do desfecho da disputa eleitoral, as OSCs serão demandadas a dar conta do agravamento de todas essas crises, quiçá num contexto mais favorável.

Neste sentido, temos um enorme desafio que é fortalecer nossa identidade coletiva como sociedade civil organizada, autônoma e ativa. Ampliar o reconhecimento social de nossa relevância e lutar para garantir um ambiente favorável para nossa atuação.

A Plataforma MROSC tem um papel fundamental nesta estratégia, seja através da vigilância na preservação de nossa autonomia, seja agindo para criar um ambiente político institucional favorável para nossa atuação, seja buscando abrir novos mecanismos de financiamento de nossas ações. Importante anotar a necessidade do debate sobre o novo papel da Cooperação Internacional neste contexto. Não é objeto da atuação da Plataforma, mas me parece uma questão de suma importância. Concluo com o desejo de que estejamos à altura destes enormes desafios. Obrigado!

Porto Alegre, 12 de julho de 2022.